



## **UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CORPO: CONCEPÇÕES DE DISCENTES DA GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**

Marcus Vinicius da Silva <sup>1</sup>  
Elisângela Justino <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo teve como objetivo compreender alguns sentidos que norteiam o discurso do corpo para alunos da graduação em Educação Física. A questão de partida foi: imagine que você foi convidado para ministrar uma palestra para público diverso sobre o papel da educação física em seus mais diversos campos de atuação. Quais seriam os tópicos principais que você destacaria? A pesquisa teve por base a abordagem qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidas aleatoriamente, sendo uns do primeiro período e os demais do último período do curso de Educação Física e o instrumento foi a entrevista semi-estruturada. Para o estudo análise dos dados, optou-se pela análise de conteúdo na perspectiva de Guerra (2006). Assim, as discussões suscitadas acerca do corpo e as representações deste apontadas pelos sujeitos da pesquisa levaram-nos a considerar que a visão de corpo varia dos grupos, segundo padrões próprios do perpassar do curso. Conclui-se que podemos supor que a Educação Física demonstra possuir um desequilíbrio que faz com que as disciplinas de cunho biológico sejam priorizadas em detrimento das disciplinas da área de humanas.

**Palavras-chave:** Corpo; Educação Física; Análise discursiva.

### **INTRODUÇÃO**

As diferentes questões relativas ao corpo, embora presentes no mundo acadêmico, estão muito longe de serem esgotadas. Principalmente nas metrópoles, assistimos ao redimensionamento de valores, representações e a discussão social relacionadas ao corpo. As novas formações de imaginar o corpo resultam em crescente busca de possíveis formas de cultivação do mesmo, e para tanto, as possibilidades não param de crescer.

A prática da atividade física é muito anterior a todo este momento atual de exaltação e culto ao corpo. Ela surgiu muito antes do ser humano ter a consciência desse significado. Isso não quer dizer que não havia sentido atribuído aos movimentos para o

---

<sup>1</sup> Graduado pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [mvini98@hotmail.com](mailto:mvini98@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, [justinoelisangela65@gmail.com](mailto:justinoelisangela65@gmail.com);



homem primitivo, mas sim, que estes sentidos seriam um tanto distintos daqueles que apresentam atualmente. O homem primitivo, por exemplo, utilizava-se das atividades corporais naturalmente como ferramenta para sua própria sobrevivência. Através dela desenvolvia valências físicas tais como: flexibilidade, força muscular localizada, resistência aeróbica, agilidade, entre outras.

Como o passar dos anos, das décadas, dos séculos, o homem foi se modificando e a atividade física foi acompanhando-o, tornando-se seu aliado. Assim, o homem simultaneamente ao movimento histórico da construção da corporeidade, foi criando outras atividades, outros instrumentos, e através do trabalho foi transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo.

O professor de educação física vem recebendo grande destaque neste processo contemporâneo de propagação da prática regular de atividade física em função de uma melhor qualidade de vida, visto que ele é o mediador, o interventor, aquele que vai auxiliar a incansável busca de seus alunos. Torna-se interessante refletirmos sobre a questão do corpo humano configurando no interior da educação física, uma vez que esta pode ser considerada uma área de conhecimento que trata, sobretudo, das diferentes manifestações da cultura corporal. Considerando-se a relevância social atribuída à atividade física e aos profissionais da saúde pela sociedade moderna (destacando-se neste caso o educador físico), torna-se significativamente importante investigarmos algumas concepções enraizadas na especificidade do professor de educação física, tal como o discurso relativos ao corpo. Desta forma, o objetivo do trabalho é compreender alguns sentidos que norteiam o discurso do corpo para alunos da graduação em educação física. Assim sendo vamos focar naqueles estudantes e estudantes/profissionais híbridos, a fim de que possamos posteriormente estar investigando, além das suas concepções de corpo, o processo de formação acadêmica deste aluno e suas possíveis consequências em sua vida profissional.

## **METODOLOGIA**

Em primeiro momento foi organizada a produção acadêmica relacionada à temática do estudo, o que desenvolveu através da revisão de literatura. Em seguida foi realizada a pesquisa de campo que se consistiu e uma entrevista semi-estruturada, realizada com 10 discentes de Educação Física onde era de caráter compulsório para a



participação da pesquisa que 5 dos mesmos estivessem cursando o último período do curso e 5 estivessem iniciando da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Durante uma semana foram coletados os dados. As duas perguntas elaboradas foram as seguintes: 1ª - Imagine que você foi convidado para ministrar uma palestra para público diverso sobre o papel da educação física em seus mais diversos campos de atuação. Quais seriam os tópicos principais que você destacaria? 2ª - O senso comum acredita que a educação física cuida do corpo. Como você vê esta frase? Já no terceiro momento, as entrevistas foram analisadas mediante o procedimento de Análise do Discurso, buscando-se o modo de produção das representações. A Análise de Discurso visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, saindo da esfera exclusiva da interpretação. Ela não procura um sentido de forma "direta" ou "objetiva", isto é, não existe um esquema fechado de interpretação.

A pergunta em Análise de Discurso não é 'que é isso' mas sim 'qual o processo de produção do isso', o que leva o sujeito a falar de um outro lugar social, a deixar fluir o seu imaginário que se estabelece numa relação direta entre mundo e linguagem.

Após a explanação acerca dos processos metodológicos utilizados para a análise das entrevistas, ocorreu o quarto e último momento que se refere às conclusões e recomendações de acordo com a análise dos dados da realidade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Apesar de o corpo ter sido deixado de lado ao longo da história pelo racionalismo humano, ele está sempre ressuscitando. O que não é diferente nos dias de hoje. Podemos observar claramente que cada vez mais o corpo está sendo alvo de grandes preocupações e questionamentos. Assistimos, no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos, a uma crescente glorificação do corpo, com ênfase cada vez maior na exibição pública do que antes era escondido e, aparentemente, mais controlado, mesmo assim, expõe França (2016, p. 86), "corpo aparece muitas das vezes "recortado", fragmentado, faz-se referência a, ou mostra-se, descreve-se apenas partes desse corpo".

O conceito de corpo remete à questão da articulação entre natureza e cultura e abre assim um leque diferenciado de posicionamentos teóricos, filosóficos e antropológicos. Segundo Braunstein e Pépin (1999), ele não se revela apenas enquanto



componente de elementos orgânicos, mas também como fato social, psicológico, cultural, religioso. Sua subjetividade está sempre produzindo sentidos que representam distintamente sua cultura, desejos, paixões, afetos, emoções, enfim, o seu mundo simbólico.

Segundo Rodrigues (1983), como qualquer outra realidade do mundo, o corpo humano é socialmente construído no sentido simbólico-cultural, visto que assume significados diferentes ao longo da história. Ainda segundo o autor, a análise das representações sociais do corpo possibilita entender a estrutura de uma sociedade a partir das características (morais, intelectuais ou físicas) que ele privilegia. Não podemos, porém, desconsiderar os profundos contrastes que possivelmente podem surgir quando nos deparamos com determinados grupos, classes, categorias ou gênero pertencentes à sociedade.

A relação da saúde dos corpos com a qualidade e perspectiva de vida já são bem demarcados e entendidos pelo indivíduo, ao passo que ele acaba, conseqüentemente, se transformando em um escravo desse corpo, não usufruindo plenamente das benesses que este possa vir a trazer. De fato, Goldenberg (2002), diz que o que antes parecia se limitar à não exposição do corpo nu, se concentra, agora, na observância das regras de sua exposição. Pode-se dizer que as regras subjacentes à atual exposição dos corpos são de ordem imprescindivelmente, estético. Para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos é necessário investir na força de vontade e na disciplina. Desta forma, o corpo foi disciplinado ao longo do tempo para que se tornasse dócil e submisso. Assim, foi possível que este se organizasse no espaço que habita, na relação com os objetos, como também na relação com os outros corpos que os rodeia. "A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuí essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)". (FOUCAULT, 2001, p. 129).

O que poderia ser chamado genericamente de 'corpo ocidental' encontra-se em plena metamorfose. Não se trata mais de aceitá-lo como ele é, mas sim de corrigi-lo, transformá-lo e reconstruí-lo. Um forte imaginário contemporâneo de muitos busca nos corpos uma possível verdade sobre si mesmo que a sociedade parece não conseguir mais lhes proporcionar. Desta forma, na escassez de realizarem-se em sua própria existência procuram se realizar através de seus corpos.



A Educação Física vem demonstrando grande preocupação em investigar as questões do corpo, entretanto, a faz quase sempre de forma prática e muito pouco teórica. O que se andou fazendo a respeito das condutas motoras é o que sempre se aprendeu com a ciência tradicional: reduzir o complexo ao simples: descrevê-lo, explicá-lo e compreendê-lo. O fenômeno humano da motricidade, por exemplo, foi sempre reduzido a particulares extremamente simples, como se fosse possível explicar um fenômeno de tal magnitude apenas pela mediação da gordura corporal, ou da circulação sanguínea, ou da resistência a uma corrida longa, de força de pernas e assim por diante.

O que há de mais desconhecido hoje que a corporeidade? Por mais que tenhamos debatido o tema, só o fizemos fragmentando o homem. Quisemos reduzir o complexo ao simples e não compreendemos nada, já que a atividade corporal é caótica, e é assim que deve ser investigada. Nada compreenderemos sempre que tentarmos compreender a parte isolada do todo. Nada compreenderemos sempre que tentarmos compreender o todo independentemente das partes. Não há como romper com o embuste do dualismo corpo-mente, ou homem-natureza, que não sejam assimilados a ideia do sistema. As coisas não podem ser compreendidas isoladamente, mas apenas enquanto integrantes de um sistema, de uma totalidade, em função da qual funcionam.

Apesar de decodificarmos razoavelmente os sons, não o fazemos com os gestos. Populações inteiras falam com a motricidade, e, mesmo que seus corpos falem muito alto, não são entendidos pelos espíritos que habitam os postos de comando. Quando o homem fala é o corpo falando. Parece que a linguagem verbal é tão poderosa que assustou o homem, a ponto de ele não se reconhecer falando ou pensando. A motricidade é o sintoma vivo do mais complexo de todos os sistemas: o corpo humano. É na motricidade que o sensível e o inteligível se integram. Descrever o homem se movimentando é descrever sua inteligência. Descrevê-lo em ato e descrever seus sentimentos e assim por diante. Trata-se, na verdade, de descrever a única realidade visível do ser humano.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



O corpo, de acordo com Freire (1991), deve ser entendido como a união do sensível e do inteligível. Isso quer dizer que não se pode fragmentar o homem, denominando que somos de um lado corpo e de outro, alma. Além disso, ele enfatiza que a soberania que existe da alma em relação corpo não passa de um reflexo da consciência de que somos mortais, pois apesar do corpo não escapar ao padecimento, a alma pode ser eternizada. Por outro lado Baldini (2015, p. 5), fala que "este jogo entre aquilo que é "mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não", mas que de qualquer maneira é atravessado pelas determinações inconscientes, [...]", isto é, o pensamento posto sobre o corpo parti do princípio entre o inconsciente e consciente para assim compor um sentido. O corpo, enquanto marca da linguística, aponta para os seguintes sentidos: físico, saúde, estética e movimento.

O corpo, que esteve por muito tempo adormecido, ressurgiu e demonstra claramente que cada vez mais monopoliza imensas inquietudes e questionamentos. Ele, que foi disciplinado ao longo do tempo para ser dócil e submisso, passou a ocupar lugar de destaque, se tornando glorificado e exibido.

Para o corpo enquanto sentido de físico temos o seguinte recorte: "...evidente que ela cuida do corpo, mas parte psicológica ele tem uma grande importância".

Temos como ideia a ser destacada aqui, que a educação física cuida do corpo, do nosso físico, mas que, no entanto, em dado momento, ela não se limita ao corpo, puro e simplesmente, ela pode e deve possuir outros objetivos. Como na questão psicológica, onde ela pode assumir grande relevância, servindo como instrumento para antagônicas formas de bem-estar, tais como: melhora da auto-estima, autoconfiança, da sociabilidade. Assim como é também inevitável falar sobre suas adaptações orgânicas e suas bem-estar ao longo do tempo.

Por outro lado este sentido silencia para a noção de homem fragmento que os estudantes possuem, e suas consequências com relação à concepção de corpo por eles formuladas. Assim Pêcheux (1988, p. 221), diz que:

a apropriação dos conhecimentos jamais se realiza sob a forma de uma *dedução a partir de princípios* primeiros (isto é, um discurso que seria ao mesmo tempo uma máquina lógica), mas, antes (e em qualquer campo científico considerado), como uma *volta aos princípios*, por um caminho que é, por assim dizer, construído é algo bastante diferente do passeio de um espelho: à medida em que se dá a apropriação dos conhecimentos, sua configuração se transforma, de



modo que enunciados que funcionavam como definições adquirem o estatuto de teoremas...]

Portanto, fica evidente que o discurso do homem é fragmentado em corpo e alma. De um lado o inteligível. Do outro o sensível. Ou fazemos bem um ou a outro. Não há a noção de totalidade. Se por um lado atingimos o corpo físico, por outro não conseguimos atingir a alma, ou o espírito. Se pelo corpo padecemos, pela alma voamos em direção a eternidade. De acordo com Freire (1991), o corpo simplesmente nos demonstra que estamos aqui na terra de passagem, o que significa que partiremos 'daqui' para o que realmente pode se chamar de vida eterna.

O corpo nos remete a morte enquanto a alma nos remete a vida. E por assim ser, podemos entender o porquê da concepção de que o corpo e alma são duas entidades distintas, contrárias e opostas e o porquê da necessidade humana de acreditar fielmente nisso, afinal, por mais tenebroso e macabro que pareça ser não há certeza maior na vida do que um dia a morte chegará a todos, sem restrição.

O corpo com o sentido de saúde: "Esse corpo é saudável ou não e como ele se relaciona com o meio dele..."

Esse sentido demonstra a relação da saúde do corpo com o meio no qual ele está inserido. A forma de se relacionar com os outros, os objetos e os diferentes ambientes será influenciado diretamente para possível saúde de corpo. Assim como num espelho, nós refletimos externamente o que internamente nos estrutura. Se o que vemos através do espelho é timidez, o que será a timidez. Se o que vemos é a introspecção, é está que será refletida nas coisas, porém, não só naquele que se vê através do espelho, mas em todos o que está a sua volta. Agora, se não houver nada para ser refletido, nada se refletirá, e, então, nenhuma relação será estabelecida.

Dentro do que foi abordado, podemos dizer que o sentido de saúde silencia para o aspecto da modelação dos corpos. Sim, pois se ele é teoricamente saudável, portanto, consegue se relacionar bem com o meio no qual habita. Só que, como em Foucault (2001), o corpo foi disciplinado para se tornar dócil e submisso, fazendo com que ele possa ser influenciado, ou até mesmo coagido, de modo chegar a ponto de entrar em consonância com ideologia de determinada sociedade, tornando-o fruto das ideologias de determinada sociedade, tornando-o fruto das ideologias à sua volta. Para Pêchex, (1988, p. 160), afirma que a ideologia que fornece as evidências pelas qual "todo mundo sabe"



o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc.," mascarando assim através de um enunciado o que se queria expressar sob a transparência de uma linguagem.

Podemos concluir que o sentido saúde remete, ao mesmo tempo, a questão da saúde como a forma de relação do corpo estabelecida com o mundo, de forma independente, e a saúde como forma de manutenção e manipulação do poder, onde se tem um corpo esmigalhado, encolhido, obediente, disciplinado.

O corpo com sentido de estética: "Porque com um corpo melhor a pessoa se sente bem, aumenta sua autoconfiança...".

O sentido principal é que a questão estética influencia diretamente aspectos psicológicos e sociais dos indivíduos. Se o corpo está em busca da estética, ele está também buscando benefícios em outros âmbitos que provavelmente são reflexos de sua condição corporal, de suas possíveis anomalias que o afastam da "verdadeira felicidade". E uma relação automática como se estética fosse simplesmente sinônimo de felicidade, e que, portanto, sem ela, a felicidade não seria possível. Com isso, pode-se dizer que o corpo, que é trabalhado na educação física, pode-se dizer que o corpo, que é trabalhado na educação física, pode ser reduzido ao simples, ao nada, ao que pouco significa. Assim Pêcheux (1988, p. 155), remete a ideologia questiona "os indivíduos em do-constituído em sujeito pela Ideologia". A busca por corpos idealizados veio se transformando, ao longo do tempo, na grande missão e no grande objetivo a serem alcançados por homens e mulheres em diferentes faixas etárias. O padrão estético pré-estabelecido vigora como verdade absoluta, o que faz com que os corpos se transformem em espécie de ferramenta ou porta de entrada para que o indivíduo possa, então, alcançar a aceitação e a admiração perante todos que o rodeiam. Não são medidos esforços para tal.

Podemos atentar para uma outra vertente do sentido de estética do corpo. Se o corpo deter a estética, e pode transformar as relações que se estabelece com o mundo, isso demonstra que o corpo perde toda a sua liberdade de expressão, de movimento, de realização, de criação. O corpo passa a ficar contido, como se estivesse detido, ou preso, em um lugar isolado, onde os seus mais altos gritos de ajuda não pudessem ser ouvidos. O corpo é vítima. E como toda a vítima sofre com as injustiças que com ele fazem. Não é ouvido, não tem voz própria. É apenas um condutor. E conduz sempre outros anseios, que por vezes, não os pertence. Portanto manipula, ao passo que é manipulado. Como





no panoptismo Foucaultiano, a visão é direcionada para aquilo que interessa ser visto. Um centro de referência que dita as regras e vigia as ações.

Por fim, a marca corpo remete ao sentido de movimento: "...tem tudo com o que é movimento do corpo humano".

A ideia em destaque é o corpo envolto de toda a sua capacidade de movimento. O corpo é a estrutura que permite o nosso inteligível se tornar sensível. Pensa-se em executar alguma ação, por mais simples que ela seja, logo, decodificamos esta mensagem e a realizamos através de nossas dimensões corporais. A motricidade é o sintoma vivo do mais complexo de todos os sistemas: o corpo humano.

Enquanto isso tem movimento humano em toda a parte, nas pequenas ou grandes ações e nos pequenos ou grandes gestos. O corpo detém o movimento. Enquanto um executa, o outro desafia.

Não há movimento independente do corpo. Não há corpo sem movimento. Um se apropria do outro. Um só existe quando associado ao outro. O corpo só pode ser assim denominado quando permite a ação de movimentos. Já o movimento só se concretiza e se desenvolve através do corpo.

Em relação ao que foi silenciado neste sentido, podemos dizer que o movimento humano não é algo mecânico, atribuído apenas a aspectos físicos e biológicos. O movimento humano vai muito além disso. A ele são atribuídos sentidos e símbolos particulares. Muitas vezes inexplicáveis ou inatingíveis para os que se situam fora desta esfera. Ao observarmos uma criança em movimento devemos ter a consciência de que não é apenas o caráter biológico que está inserido ali. E, muitas vezes, o que mais interessa ao educador físico são esses outros aspectos, que vão permitir com que ele conheça a fundo o seu aluno, em sua totalidade, não apenas em seus rendimentos físicos, esportivos, no aspecto quantitativo que permeia a educação física.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da fundamentação teórica foi realizada a pesquisa de campo que se utilizou da metodologia da Análise de Discurso para analisar os dados encontrados nas entrevistas, o que tornou possível a identificação de alguns sentidos que vieram surgindo ao longo das interpretações. Através da análise dos dados foi possível percebermos que o homem foi fragmentado. Ele não é visto em sua totalidade e sua



complexidade. Ele foi reduzido a uma visão didática que faz com que o corpo e alma sejam duas instituições distintas, dissociadas e independentes. Portanto, o corpo, pelo menos na visão daquele corpo utilizado como instrumento de trabalho na educação física, é visto como o simples físico, o que demonstra possuir ou não saúde, o que se permite alcançar a estética, a "verdadeira carcaça" do ser humano, como se fosse possível existir corpo em mente, sem alma, ou alma, mente, sem corpo. E ainda: o corpo é aquele que permite a existência e a realização do movimento humano, sendo um indissociável do outro, como uma relação de causa e efeito.

Podemos supor que a educação física, devido a sua diversidade de áreas de conhecimento nas quais se apóia, demonstra possuir um desequilíbrio que faz com que as disciplinas de cunho biológico sejam priorizadas em detrimento das disciplinas da área de humanas. Isso pôde ser observado claramente nas entrevistas dos alunos da graduação, já que o corpo assumia um caráter exclusivamente biológico.

Por fim podemos sugerir que esta concepção de homem-máquina está difundida de tal forma no meio da educação física que talvez não seja percebida com clareza pelos profissionais que nela atuam e nem mesmo pelos indivíduos que se beneficiam de seus trabalhos. O que se realiza por ambas as partes nada mais é do que a reprodução do que já é realizado. Portanto, seria interessante um aprofundamento deste estudo para que se compreenda melhor as origens, causas e efeitos do que se refere a esta concepção e sua influência no meio social, a fim de que tenhamos subsídios para tentarmos intervir positivamente, enquanto profissionais, na sociedade como um todo, através da concretização do nosso trabalho.

## REFERÊNCIAS

BALDINI, Lauro José Siqueira. Discurso, Ideologia, Inconsciente: a questão do cinismo. **ALED** – 2015: Publicação comemorativa das “Atas de Puebla”. Disponível em: <http://www.anaisaled.ufscar.br/index.php/aledpuebla/article/view/2/2>

BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean-François; SILVA, João Duarte. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar. Punir: história da violência nas prisões**. Vozes, v. 262, 2001.

FREIRE, João Batista. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. Grupo Editorial Summus, 1991.



FRANÇA, Glória. Sobre (e n)o corpo: o discurso do turismo sexual nos ambientes digital e off-line. **Redisco**. Vitória da Conquista, v.10, n.2, p.81-98, 2016. ISSN 2316-1213. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2520/2085>

GUERRA, I.C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Lucerna, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Editora Record, 2002.

PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Editora da UNICAMP, 1995.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**, 3a edição. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.